



Corpos e experiências lésbicas importam? Para quem? A rede lésbi brasil diálogos entre ativismo e academia

Dayana Brunetto Carlin dos Santos¹

Grazielle Tagliamento²

RESUMO

Este artigo procura compreender, numa perspectiva foucaultiana e dos estudos de gênero, as relações de poder que produzem a invisibilidade das experiências, corpos e práticas relacionadas às lesbianidades no Brasil. Mesmo com diversas pesquisas acadêmicas e perante as trajetórias de ativistas lésbicas pelo país, tais experiências, corpos e práticas seguem invisibilizadas. A análise questiona se tais relações estariam se produzindo por meio de discursos que interseccionam o machismo e a misoginia, dentre outras doenças sociais, ao eleger como alvos corpos e experiências que ousam se distanciar das normas colocadas em funcionamento pela heterossexualidade compulsória. Busca ainda pensar sobre as formas como as experiências lésbicas são, muitas vezes, sabotadas pelo próprio movimento social LGBT e por outros movimentos que contribuem para o apagamento desses corpos e práticas, colocando-os como menos importantes. Corpos e experiências lésbicas importam? Para quem? A partir destas reflexões, o texto investiga também a articulação da Rede Nacional de Ativistas e Pesquisadoras Lésbicas e de Mulheres Bissexuais – Rede LésBi Brasil, como uma estratégia de resistência aos tempos de obscurantismo acirrados no Brasil desde as eleições presidenciais de 2018.

Palavras-chave: Lesbianidades, Lesbofobia, Resistências, Governamentalidade, Rede LésBi Brasil.

¹ Professora de Didática do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná. Professora do programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE / UFPR. Coordenadora do Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual - NGDS da Superintendência de Inclusão, Políticas Afirmativas e Diversidade - SIPAD / UFPR. Pesquisadora e Vice Coordenadora do Laboratório de Investigação em Corpo, Gênero e Subjetividades na Educação - LABIN / UFPR. Pesquisadora do Núcleo de Estudos de Gênero - NEG / UFPR.

² Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná. Pesquisadora do NEPAIDS da USP. Coordenadora Educacional do Centro de Excelência em Gêneros e Sexualidades (CEGES).

ABSTRACT: This article seeks to understand, from a Foucauldian and gender studies perspective, the power relations that produce the invisibility of experiences, bodies, and practices related to lesbianities in Brazil. Even with several academic research spheres and considering the trajectories of lesbian activists across the country, such experiences, bodies, and practices remain invisible. This analysis questions whether such relations are being produced through discourses that intersect sexism and misogyny, among other social diseases, by electing as targets bodies and experiences that dare to distance themselves from the norms put into operation by compulsory heterosexuality. It also seeks to think on the ways in which lesbian experiences are often sabotaged by the LGBT social movement itself and by other movements that contribute to the erasure of these bodies and practices, placing them as less important. Do lesbian bodies and experiences matter? For whom? Based on these reflections, this work also investigates the articulation of Rede Nacional de Ativistas e Pesquisadoras Lésbicas e de Mulheres Bissexuais – Rede LésBi Brasil, as a strategy of resistance to the fierce times of obscurantism in Brazil since the 2018 presidential elections.

Keywords: Lesbianities, Lesbophobia, Resistances, Governmentality, Rede LésBi Brasil.

RESUMEN: Este artículo busca comprender, desde una perspectiva foucaultiana y de estudios de género, las relaciones de poder que producen la invisibilidad de experiencias, cuerpos y prácticas relacionadas con las lesbianidades en Brasil. Incluso con varias investigaciones académicas y considerando las trayectorias de las activistas lesbianas en todo el país, tales experiencias, cuerpos y prácticas permanecen invisibles. El análisis cuestiona si tales relaciones se están produciendo a través de discursos que cruzan el machismo y la misoginia, entre otras enfermedades sociales, eligiendo como objetivos cuerpos y experiencias que se atreven a distanciarse de las normas puestas en funcionamiento por la heterosexualidad obligatoria. También busca reflexionar sobre las formas en las que las experiencias lésbicas suelen ser saboteadas por el propio movimiento social LGBT y por otros movimientos que contribuyen al borrado de estos cuerpos y prácticas, colocándolos como menos importantes. ¿Importan los cuerpos y las experiencias de las lesbianas? ¿Para quien? A partir de estas reflexiones, el texto también investiga la articulación de la Red Nacional de Mujeres Activistas e Investigadoras Lesbianas y Bisexuales - Red LésBi Brasil, como una estrategia de resistencia a los tiempos feroces del obscurantismo en Brasil desde las elecciones presidenciales de 2018.

Palabras-clave: Lesbianidades, Lesbofobia, Resistencias, Gubernamentalidad, Red LésBi Brasil.

Introdução

A invisibilidade lésbica não é algo natural, mas sim resulta de vários fatores. Dentre estes, estão a misoginia, o machismo, a socialização destinada a esses corpos numa

sociedade que funciona a partir de uma moralidade judaico-cristã, que por sua vez sustenta e faz funcionar uma série de binarismos, dentre os quais o masculino-feminino. Resulta também da forma como os movimentos lésbicos se organizaram ao longo da história, majoritariamente pela prática da ética do cuidado, se importando com várias demandas de outros movimentos sociais organizados e de populações vulnerabilizadas que não dizem respeito diretamente às lesbianidades. Entretanto, a recíproca a essa política ética do cuidado praticada pelos movimentos lésbicos não se efetiva a partir de outros grupos em relação às lesbianidades. E talvez um dos elementos mais interessantes que contribui para a invisibilidade seja por se constituírem como experiências, corpos e práticas que, em geral, ousam afrontar as masculinidades, colocam em xeque as normas de gênero e sexualidade, deslocam-se e se atrevem a não estar disponíveis para os usos de machos, ou a serviço dos prazeres masculinos.

Estamos cansadas disso... Cansamos de bradar que somos invisíveis! Depois de décadas na luta contra essa invisibilidade, percebemos que o deslocamento desta narrativa se faz necessário, uma vez que tais questões parecem interessar somente às próprias lesbianas! E isso não significa pouca coisa, é inferior ou menos importante! As lesbianas, lésbicas, sapatonas negras, indígenas, orientais e não negras, indígenas ou orientais, suas experiências, corpos e práticas, performam potencialidades. É possível observar várias produções importantes com essas questões desde o século XIX. Isso sem deixar de destacar as anteriores, que se inspiraram, em alguma medida, da experiência da poetisa grega Safo (625? – 580? a. C.), da ilha de Lesbos, situada no Mediterrâneo, no litoral da atual Turquia, que ainda hoje se desdobram em muitos estudos, ensaios e produções de conhecimento nas mais variadas áreas.

Existem vários registros de muitas experiências e práticas sobre relações afetivas e/ou sexuais entre mulheres, em diversas áreas. Mas, o anacronismo precisa ser evitado, pois produz equívocos conceituais. Essas experiências são datadas e conceituadas de forma contingente, histórica e são atravessadas pela cultura, racionalidade, territorialidade e intencionalidade. Diante disso, se faz importante compreender que as condições de possibilidades históricas (FOUCAULT, 1984) que tornaram possível perguntar pelas lesbianidades na contemporaneidade, não são as mesmas que possibilitaram as narrativas sobre lesbianismo, por exemplo, produzidas em meados do século XIX, em determinadas sociedades.

Utilizamos o conceito de condições de possibilidades históricas a partir da crítica foucaultiana, que se apoia no acontecimento *a priori* histórico. Nessa perspectiva, pode-se dizer que “o adjetivo ‘histórico’ quer marcar as diferenças com respeito ao ‘*a priori*’ kantiano. O ‘*a priori* histórico’, efetivamente, não designa a condição de validade dos juízos, nem busca estabelecer o que torna legítima uma asserção, mas sim as condições históricas dos enunciados, suas condições de emergência, a lei de sua coexistência com os outros, sua forma específica de ser, os princípios segundo os quais se substituem, transformam-se e desaparecem” (CASTRO, 2009, p. 21). Para Foucault: “A priori não de verdades que nunca poderiam ser ditas nem realmente dadas na experiência, mas de uma história já dada, porque é a história das coisas efetivamente ditas” (FOUCAULT, 1984, p. 167).

A partir dessa perspectiva, suspeitamos que as subjetividades lésbicas, lesbianas e sapatonas se produzem no campo do abjeto das normas de gênero e sexualidades vigentes na sociedade ocidental, em especial a brasileira. Normas de gênero e sexualidades que segundo Gayle Rubin (1993) intentam fazer funcionar uma linearidade entre corpo, gênero e desejo, pela qual as lésbicas, por serem designadas como mulheres, pela presença de uma genitália composta por vulva e vagina, deveriam ser socializadas por meio da citacionalidade das normas de gênero (BUTLER, 2000), que operaria a produção de uma postura feminina padrão diante do mundo.

Na sua adolescência ou vida adulta, lésbicas, por serem mulheres, deveriam obrigatoriamente se interessar, desejar e se relacionar com representantes das masculinidades hegemônicas. E não somente isso, mas, seguir com esse relacionamento, celebrando a partir de um ritual religioso, de preferência cristão, essa união e produzindo descendentes, preferencialmente um casal. Aqui encontra-se o nó das lesbianidades, pois se para serem reconhecidas como mulheres, lésbicas têm como condição precípua que se relacionar afetiva e sexualmente com homens, é possível entender Monique Wittig (1992), quando afirma que lésbicas não são mulheres e que ser lésbica é um ato político!

De acordo com Patrícia Lessa (2007), essa postura lésbica feminista diante do mundo produziu conflitos com o movimento feminista que pensava predominantemente pelo viés relacional, nesta época, denunciando a não naturalidade das relações de poder desiguais entre homens e mulheres, produzidas a partir de uma perspectiva biológica, como nas teorizações de Joan Scott (1995), por exemplo. A postura lésbica feminista produziu também, mais tardiamente, conflitos no movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais,

Travestis e Transexuais – LGBT, pois das organizações e articulações de lésbicas existentes no país, nem todas se produzem a partir dos referenciais feministas.

As articulações de lésbicas feministas que se produzem por meio de referenciais feministas ampliam as análises, trazendo o privado para o campo político e provocando deslocamentos produtivos. Lésbicas feministas fabricam seus corpos, gênero e desejos fora dos limites da linearidade e da complementariedade. Colocam em xeque o que Judith Butler denominou de matriz de inteligibilidade cultural heterossexual. Para a autora:

[...] [a matriz heterossexual consiste na] grade de inteligibilidade cultural por meio da qual os corpos, gêneros e desejos são naturalizados. [...] [essa matriz é caracterizada por um] modelo discursivo/epistemológico hegemônico da inteligibilidade do gênero, o qual presume que para os corpos serem coerentes e fazerem sentido (masculino expressa macho, feminino expressa fêmea), é necessário haver um sexo estável, expresso por um gênero estável, que é definido oposicional e hierarquicamente por meio da prática compulsória da heterossexualidade (BUTLER, 2008, p. 215-216).

Assim, a partir das análises de Monique Wittig (1977; 2001), a heterossexualidade foi tomada nesse texto não somente como uma prática sexual, mas como um regime de poder que desloca as categorias feminino e masculino para o campo político. Para Wittig, a heterossexualidade é a matriz do poder que produz os corpos e os sujeitos sexuais. Pensar a heterossexualidade dessa forma significa compreender que antes de ser uma destinação natural dos corpos, ela inscreve-se nos corpos a partir de uma reiteração contínua e construída como natural. Ou seja, os discursos e as práticas empreendidas para a produção do gênero e da sexualidade objetivam a produção de corpos e subjetividades heterossexuais (WITTIG, 1977; 2001). Isto coloca em funcionamento um projeto social e político maior, difundido por todas as instituições sociais, como a família, a igreja, a escola, a empresa, a televisão, o cinema, a internet, as redes e mídias sociais, dentre outras. Ou seja, somos todas e todos alvos de um grande projeto político de produção de corpos e subjetividades heterossexuais.

O conceito de governamentalidade é fundamental para se pensar essas produções. Para Michel Foucault, esse conceito tem que ver com a arte de governar. Desta forma, a análise da governamentalidade considera o estudo do “governo de si (ética), o governo dos outros (formas políticas de governamentalidade) e as relações entre estas duas dimensões. Isto é, entre o governo de si e o governo dos outros.” (FOUCAULT, 1994, p. 635)

Assim, quando se pensa as normas de gênero e sexualidade como uma das

estratégias de poder-saber (FOUCAULT, 2010; 2012) para a produção de corpos e subjetividades heterossexuais dentro de uma governamentalidade, é possível também compreender que as subjetividades lésbicas, lesbianas e sapatonas feministas não constituem um bloco homogêneo, mas, se produzem de forma singular, algumas como reafirmação das regulações e outras no campo das resistências (FOUCAULT, 1988), procurando escapar das investidas dessas estratégias de poder-saber. Estas subjetividades lésbicas, lesbianas e sapatonas de resistência se deslocam por meio de seus corpos, práticas e experiências em direção a uma ética específica, fundamentada no cuidado de si. (FOUCAULT, 1984; 1994; 1995)

As Lesbianidades feministas e o cuidado de si

As lesbianidades feministas não encontram referência no padrão binário instituído pelas normas de gênero e sexualidades, necessariamente. Pensar os corpos, práticas e experiências lésbicas, lesbianas e sapatonas a partir de outros referenciais pode ser produtivo. Na medida em que se desloca o pensamento das lesbianidades feministas do binarismo padrão, é possível compreender que a proposta de ação política no mundo pode se fundamentar numa atitude da ética do cuidado, no estabelecimento de conexões e articulações que produzam uma rede de afetos e de cumplicidades, numa postura acolhedora diante de outras causas ou populações vulnerabilizadas, sem deixar de se importar com as próprias demandas. Isso não significa assumir uma postura feminina diante das questões mundanas, pois estamos pensando fora do padrão binário de gênero e sexualidades.

Essa estratégia de deslocamento pode fabricar um outro modo de olhar para o mundo. Lesbopolitizar a vida! Nem melhor, nem pior, apenas diferente. Um modo de não deixar de se importar ou de defender demandas de outros segmentos políticos dos movimentos sociais, sem que, no entanto, nos esqueçamos das especificidades das subjetividades lésbicas. Por exemplo, desde a década de 1970 os movimentos lésbicos lutam por um atendimento humanizado e acolhedor na área da ginecologia, devido as violências que esses procedimentos podem representar na vida das lésbicas. No entanto, não conseguimos implementar sequer um protocolo específico de saúde de lésbicas! Nesse

meio tempo, os movimentos lésbicos se engajaram em outras pautas específicas de saúde que avançaram. No entanto, a pauta da saúde lésbica não avançou. Por quê? Porque as questões específicas das lesbianidades parecem interessar somente a nós mesmas. Isto não é pouca coisa, ou sem importância. Mas, suscita o questionamento em relação as razões pelas quais outros segmentos não nos acolhem ou não acolhem nossas demandas. Para além de denunciar a invisibilidade e o apagamento a que as lésbicas estão permanentemente submetidas tanto nos movimentos feministas, quando nos 8 de março, lembram de todas as outras mulheres, menos de nós, ou nos movimentos LGBT, quando também ignoram que somos o segundo segmento mais violentado, de acordo com estatísticas recentes (PINTO *et alii*, 2020), e porque temos uma política de produção de dados enviesada e subnotificada somente, não tem se mostrado produtivo.

Um estudo recente realizado por pesquisadoras/es da Fundação Oswaldo Cruz, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e do Instituto Federal do Rio Grande do Sul – IFRS, dentre as quais Isabella Vitral Pinto, em conjunto com as Secretarias de Atenção Primária em Saúde e de Vigilância em Saúde, a partir dos dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação – SINAN, estrutura ligada ao Ministério da Saúde – MS, demonstrou que no Brasil, no período de 2015 a 2017, foram registradas 24.564 notificações de violências contra a população LGBT. Isto é, em média, mais de 22 notificações de violências interpessoais e/ou autoprovocadas ao dia, o que significa quase uma a cada hora. Em relação ao perfil das/os denunciantes, (50%) eram pessoas negras e (69%) tinham entre 20 e 59 anos. Do total, 46,6% eram transexuais ou travestis, 32,6% lésbicas e 25% gays. (PINTO *et al*, 2020)

Suspeitamos que devido ao machismo e a misoginia que fazem funcionar a lesbofobia, lésbicas, lesbianas e sapatonas não são alvos apenas da invisibilidade. O que parece acontecer é a anulação das nossas demandas e pautas específicas. Solicitar, falar, gritar por políticas públicas e sociais específicas viemos fazendo desde meados da década de 1970 no Brasil. Diante disso, fica quase inviável compreender a invisibilidade, somente como invisibilidade. A invisibilidade é produzida a partir de uma anulação das nossas narrativas. É anulação e não somente invisibilidade.

A Lesbopolitização da vida significa, portanto, compreender que os movimentos lésbicos feministas não se orientam pelos binarismos padrão, mas se localizam justamente no questionamento do que é produzido como feminino e masculino ao longo da história, e

do quantitativo de violências que se produziu, e se produz, a partir desses padrões binários. Lesbopolitizar a vida significa também se orientar por atitudes e formas de se colocar no mundo que afrontem esse binarismo, as hierarquias produzidas por ele, e que se constituam fora dessa chave de leitura. Ou seja, lesbopolitizar a vida a partir de um cuidado de si (FOUCAULT, 1995) que se produz a partir de uma ética de si específica com a mirada interessada das normas de gênero e sexualidade que ditam as condutas a serem seguidas pelos corpos, práticas e experiências, e o exercício de se deslocar do prescrito. Lesbopolitizar a vida a partir da produtividade de contra-condutas (FOUCAULT, 2008) que se fabriquem fora do eixo binário, a partir de atitudes como a ética do cuidado de si e das outras, como a ética do acolhimento e a constituição das redes de afetos e cumplicidades, sabendo nos distanciar das relações tóxicas que colecionamos ao longo da nossa história nos campos políticos dos feminismos e da militância LGBT.

Lesbopolitizar significa, enfim, olhar para dentro dos movimentos lésbicos feministas e para a academia, espaços e tempos nos quais lésbicas vêm produzindo há muito tempo, mesmo com todas as dificuldades de difusão dos pensamentos lésbicos feministas, e pensar que como somos apenas nós que nos interessamos pelas nossas questões, talvez seja interessante e potente unir forças e “colocar os coturnos nas portas”.

É a partir desses movimentos e pensamentos que surge uma iniciativa que já há muito nos rodeava de propiciar o encontro entre os movimentos sociais e a academia e um acontecimento, ou seja, uma transformação das nossas realidades e desses apagamentos, silenciamentos e anulações. Isto demanda um posicionamento que pressupõe a multiplicidade, a diferença, o encontro e o acontecimento (ZOURABICHVILI, 2009). Esse encontro não é somente entre pessoas, mas também entre pensamentos e ideias, como propôs Deleuze³. Acontecimento, que Denise Mairesse caracteriza. Nas palavras da autora:

O acontecimento fala por si e rompe com todas as certezas e evidências do que nos parece mais sagrado. Nesse sentido, o acontecimento rompe com a linearidade do tempo, funda um tempo outro no qual presente, passado e futuro coexistem. Desafia as lógicas cartesianas de progresso e evolução, e inventa outros caminhos nunca imaginados. (MAIRESSE, 2003, p. 261-262)

Nesta perspectiva, em junho de 2018, foi realizada uma reunião em Curitiba, no

³ Documento consultado on-line: O Abecedário de Gilles Deleuze. Disponível em: <<http://www.oestrangeiro.net/esquizoanalise/67-o-abecedario-de-gilles-deleuze>>. Acesso em: 15 fev.2021

Paraná⁴, para colocar em prática essas inquietações. E em agosto de 2019, foi feito um pré-lançamento da Rede Nacional de Ativistas e Pesquisadoras Lésbicas e Bissexuais – Rede LésBi Brasil na câmara municipal em Porto Alegre, em alusão à visibilidade lésbica. Em novembro de 2019, foi realizado o lançamento oficial da Rede LésBi Brasil no anfiteatro 100 da Universidade Federal do Paraná – UFPR.

Nesse processo de lançamento, várias angústias e dores comuns se apresentaram, dentre as quais essa dificuldade que outros movimentos têm de nos acolher, bem como as dificuldades de se difundir os pensamentos lésbicos feministas no campo acadêmico. Evidenciaram-se também as delícias, os “xeros”, os sabores, as cores, os afetos e as cumplicidades sapatônicas, que nos fazem experimentar nossas lesbianidades, também se fizeram sentir nesses momentos. Algumas companheiras não puderam se deslocar até Curitiba e encaminharam vídeos que foram exibidos durante o lançamento. Foram apresentadas iniciativas de produção de um site e de elaboração de diretrizes durante o evento. Em 2020, todas fomos assoladas pela pandemia da covid-19, que potencializou a necropolítica (MBEMBE, 2016) e recrudescer a nudez e a cruza das violências que lésbicas sofrem como os estupros corretivos, os espancamentos e as violações do direito ao próprio corpo, expondo a própria carne e a precariedade dos corpos, práticas e experiências lésbicas, lesbianas e sapatônicas, não passíveis sequer de luto. (BUTLER, 2011; 2015)

O site da Rede LésBi Brasil⁵ está ainda em construção. As diretrizes foram finalizadas nesse processo e estão no site. Estamos nas redes sociais⁶. Estamos em todos os espaços! Somos muitas e TODAS somos SUPER importantes para a nossa história. Como coletivo de ativistas e pesquisadoras, tivemos diversas articulações. Conseguimos propor inclusive um Simpósio Temático em um importante evento de discussão de gênero e sexualidades, como um espaço seguro, acolhedor, no qual temos sempre a possibilidade de exercitar a ética do cuidado de si e das outras, do acolhimento, das consolidações das redes de afetos sapatônicos. Deste simpósio temático se desdobraram outras conexões, por meio das quais estamos organizando o primeiro Encontro de Pesquisadoras Lésbicas, e apoiando a proposta de realização do primeiro LesboCenso Nacional do Brasil. Uma iniciativa da

⁴ Nesta reunião estiveram presentes XXX.

⁵ <https://redelesbibrasil.site123.me/>

⁶ [@RedeLesbiBrasil](https://www.facebook.com/RedeLesBiBrasil)
[@redelesbibrasil](https://www.facebook.com/RedeLesBiBrasil)

Associação Feminista Coturno de Vênus em parceria com a Liga Brasileira de Lésbicas – LBL, que se projeta como uma potencialidade para que se produza cartografias singulares das lesbianidades no Brasil, com o mapeamento dos espaços entre as relações de poder demonstrativas de diversos mapas, dentre os quais, os das violências contra lésbicas, das dificuldades de acesso às diversas políticas públicas e dos perfis demográficos dessa população. Essa pesquisa trará contribuições para a luta por políticas públicas e sociais específicas, bem como para fomentar as produções acadêmicas a esse respeito.

Sigamos lesbopolitizando a vida e o mundo sem preguiça, por que onde existe desqualificação e indiferença, somos perspicácia, ética do cuidado, acolhimento e afetos. E aqui no Brasil, onde se flerta ou já se deitou com o fascismo somos resistência!!! Envergamos, mas não quebramos!!!

Referências

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 151-172.

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

_____. *Vida precária*. Trad. Ângelo Marcelo Vasco. In: **Contemporânea**. Dossiê Diferenças e (Des)Igualdades. n. 1, p. 13-33, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://www.contemporanea.ufscar.br>. Acesso em: 03 fev. 2021.

_____. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** Trad. Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha; revisão de tradução de Marina Vargas; revisão técnica de Carla Rodrigues. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 17. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. **História da Sexualidade II: o uso dos prazeres**. 12. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

_____. **História da Sexualidade III: o cuidado de si**. 8. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

- _____. La 'gouvernementalité. In: **Dits et écrits. III**, Paris: Gallimard, 1994.
- _____. **Tecnologias del yo y otros textos afines**. 2. ed. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica – S.A. 1995.
- _____. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 28. reimp. 2010.
- _____. (org.). Foucault estuda a Razão de Estado. In: **Ditos e Escritos. Volume IV: estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- LESSA, Patrícia. O Feminismo Lesbiano em Monique Wittig. **Revista Ártemis**. vol. 7. 2007. João Pessoa. p. 93-100.
- MAIRESSE, Denise. Cartografia: do método à arte de fazer pesquisa. In: FONSECA, Tania Mara Galli; KIRST, Patrícia Gomes. (Orgs). **Cartografias e Devires: a construção do presente**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte & Ensaios**, Rio de Janeiro, n. 32, p. 122-151, 2016.
- PINTO, Isabella Vitral et al. Perfil das notificações de violências em lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis e transexuais registradas no Sistema de Informação de Agravos de Notificação, Brasil, 2015 a 2017. *Revista Brasileira de Epidemiologia*. vol. 23, suplemento 1, Rio de Janeiro, 2020. Epub 03.jul.2020.
- RUBIN, Gayle. Thinking sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality. In: ABELOVE, Henry; BARALE, Michèle Aima; HALPERIN, David. M. (Ed.). **The lesbian and gay studies reader**. New York: Routledge, 1993. p. 3-44.
- SCOTT, Joan. Gênero uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. vol. 20, n. 2. Porto Alegre, 1995.
- WITTIG, Monique. **The Straight Mind and Other Essays**. Boston: Beacon Press, 1992.
- _____. **El cuerpo lesbiano**. Pre-textos. Valencia, 1977.
- _____. **La pensée straight**. Paris: Éditions Balland, 2001.
- ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, Sinergia. Ediouro, 2009.